



## **Narrativa jornalística e conhecimento: crítica à ciência incapaz de dialogar com outras formas e práticas de conhecimento**

Journalistic narrative and knowledge: critique of science incapable of dialoguing with other forms and practices of knowledge

**Renata Carraro** | Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) | São Paulo | SP | Brasil | recarraro69@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-3253-3640>

**Dimas A. Künsch** | Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) | São Bernardo do Campo | SP | Brasil | [dimas.kunsch@metodista.br](mailto:dimas.kunsch@metodista.br) | <https://orcid.org/0000-0001-5621-898X>

**Resumo:** A ciência acaba perdendo força e vitalidade quando erigida pelo positivismo em única responsável legítima por todo conhecimento verdadeiro, em dona absoluta e divina de todo saber, por não se deixar fertilizar pelo diálogo com o mito e a filosofia, a arte e os saberes comuns, as experiências humanas, o imanente e o transcendente..., isto é, com outras formas e práticas de conhecimento. Neste texto, a crítica ao cientificismo busca como resultado a recomposição de um espaço possível para o reconhecimento da narrativa jornalística como parte do esforço de compreensão do mundo, no âmbito de uma discussão sobre o jornalismo como forma de conhecimento. Metodologicamente, o suporte em referências bibliográficas se soma ao exame de textos jornalísticos de cujo potencial cognitivo é raro se poder duvidar. De natureza reflexiva e conversacional, o texto namora com a proposta compreensiva do ensaio e com as potencialidades da linguagem jornalística.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Narrativa. Conhecimento. Compreensão. Método.

**Abstract:** Science ends on losing strength and vitality when erected by positivism as sole legitimate responsible for all true knowledge, in absolute and divine owner of all knowing, by not allowing itself to be fertilized by dialogue with myth and philosophy, art and common knowledge, human experiences, the immanent and the transcendent...that is, with other forms and practices of knowledge. In this text, the critique of scientism seeks as a result the recomposition of a possible space for the recognition of the journalistic narrative as part of the effort to understand the world, in the context of a discussion about journalism as a form of knowledge. Methodologically, the support in bibliographical references is added to the examination of journalistic texts of whose cognitive potential it is rare to be able to doubt. Of a reflexive and conversational nature, the text matches with the



comprehensive proposal of the essay and with the potentialities of the journalistic language.

Keywords: Journalism. Narrative. Knowledge. Comprehension. Method.



<http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2019v7n15p63-82>

Recebido em dezembro 2018 – Aprovado em maio 2019

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
[...]para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

João Cabral de Melo Neto.  
“Tecendo a manhã”, em **A educação pela pedra**.

## 1 Introdução

Um rápido comentário sobre a crônica jornalística de Lourenço Diaféria (1977) e sobre o livro-reportagem *Hiroshima*, de John Hersey (2002), abre depois desta Introdução este texto, cujo objetivo básico é defender o jornalismo como uma forma de conhecimento entre outras. E dentro do campo do jornalismo, como queremos argumentar, a narrativa jornalística ocupa um lugar de excelência nesse amplo e nunca encerrado esforço humano para produzir entendimento e compreensão do mundo e da vida que nele habita.

Extraídos de uma miríade de outros exemplos possíveis, os dois textos assentam algumas bases, que julgamos firmes, para uma plataforma de discussão a respeito do tema. Pretende-se, com isso, reafirmar o espaço e o valor do fazer jornalístico na sociedade, quaisquer que sejam os contextos tecnológicos, as plataformas em que esse fenômeno se desenvolve ou os modelos de negócios eleitos pela poderosa indústria da notícia. Sempre é bom, no entanto, lembrar que ao lado dessa grande indústria proliferam – hoje mais do que nunca, em função das



possibilidades criadas pelas tecnologias de rede – formas alternativas, independentes, plurais de produção de notícia, com mil entrecruzamentos possíveis.

A defesa do jornalismo como forma de conhecimento ocorre, aqui, simultaneamente à crítica ao positivismo, isto é, a essa ideia cultural e sociologicamente perversa de que o conhecimento científico seria a única forma válida de conhecimento. Nesse contexto, é necessário distinguir muito bem entre ciência e positivismo, como forma inclusive de defender o estatuto e a nobreza do conhecimento científico no concerto das diferentes formas de conhecimento. Não sendo idêntico à ciência, o positivismo reúne um conjunto de pressupostos teóricos e práticos que a crítica identifica facilmente como ideológicos.

Social e politicamente nociva, a postura cognitiva positivista acaba por retirar da atividade jornalística a legitimidade que na verdade possui como um saber que se faz e refaz no tempo presente no embate com outras formas de saber, científicas e não-científicas, como podem ser as artes, a filosofia, os conhecimentos da experiência cotidiana, as narrativas míticas e outras. Nesse embate, constroem-se narrativas que contribuem para uma ordem de sentidos possível, cuja função básica é servir de orientação aos humanos em meio ao movimento, cada vez mais célere, da vida. Essa postura cognitiva se vê hoje alavancada pela força nova que vem extraindo do pensamento tecnocrático, ao sabor das maravilhas geradas pela revolução digital.

Um típico produto da sociedade urbana e industrial (MEDINA, 1978), o jornalismo está perfilado ao lado de outras práticas sociais de conhecimento e de outras narrativas, tendo contribuído, ao longo dos últimos dois a três séculos de sua existência, para a confecção dos sentidos construtores dos modos como essa modernidade se entende e se narra, se produz e reproduz. Essa ação mais ampla da ordem dos sentidos se dá historicamente de forma paralela à presença e força do jornalismo no mundo da vida, também a vida no miúdo ou *A vida que ninguém vê* (BRUM, 2006), em praticando *A arte de tecer o presente* (MEDINA; LEANDRO, 1973).

Os três recortes mais importantes assumidos neste texto já apareceram desde o início desta Introdução: o jornalismo como forma de conhecimento, a crítica ao positivismo e a afirmação do valor cognitivo da narrativa em geral e da narrativa jornalística em particular. Esses três pontos constituem, depois dos dois exemplos iniciais, a estrutura básica do texto. Metodologicamente, nos situamos na perspectiva



de uma conversa que o ensaio (ADORNO, 1986) admite e propõe, com um estilo que facilita uma linguagem, de preferência menos “chata” (KÜNSCH; CARRARO, 2011), na perspectiva de um diálogo possível (MEDINA, 1990).

No ritmo da conversa, despreocupada às vezes mas séria no geral, o texto usa como instrumento de expressão as virtualidades da própria linguagem jornalística. Primando, onde possível, pelo registro coloquial e se afastando, quanto o engenho e a arte o permitirem, de formas de expressão que muitas vezes mais parecem esconder que revelar os sentidos que se buscam.

## 2 Narrativa jornalística e conhecimento 1

Alguma coisa muito importante precisava estar acontecendo no Brasil naquela Semana da Pátria de 1977, no décimo terceiro ano da Ditadura Militar, para fazer o consagrado cronista do bairro paulistano do Brás, Lourenço Diaféria, referir-se com palavras tão amigáveis e elogiosas a um militar: “Escrevo com todas as letras: o sargento Silvio é um herói. Se não morreu na guerra, se não disparou nenhum tiro, se não foi enforcado, tanto melhor. [...] Um belíssimo sargento morto...” (DIAFÉRIA, 1977).<sup>1</sup>

Não que não houvesse na época, como em toda parte e em todos os tempos, santos e heróis tanto quanto covardes e bandidos, como é próprio de nossa humana, trágica e às vezes cômica condição. Hannah Arendt, pensando no lado ruim da vida (ela tinha na frente as “monstruosidades” que viu acontecer e que experimentou na pele, na primeira metade do século XX), nos chama a “compreender” esse mundo do jeito que ele é, para transformá-lo – uma compreensão que, face ao totalitarismo e à “banalidade do mal” (ARENDDT, 1999), em “tempos sombrios” (2008a), não significa “desculpar nada, mas nos conciliar com um mundo onde tais coisas são possíveis” (ARENDDT, 2008, p. 331).

---

<sup>1</sup>Herói. Morto. Nós. **Folha de S.Paulo**, 1 set. 1977. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos\\_cruciais-02a.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos_cruciais-02a.shtml)>. Acesso em: 5 maio 2019. Todas as citações dessa crônica são desse texto, em que, como o jornal avisa, se manteve a grafia original.



Mas não era o caso, para Diaféria, em resumo, de elogiar à toa um militar, porque os tempos não estavam para elogios:

Todavia eu digo, com todas as letras: prefiro esse sargento herói ao duque de Caxias.

O duque de Caxias é um homem a cavalo reduzido a uma estátua. Aquela espada que o duque ergue ao ar aqui na Praça Princesa Isabel -onde se reúnem os ciganos e as pombas do entardecer- oxidou-se no coração do povo. O povo está cansado de espadas e de cavalos. O povo urina nos heróis de pedestal. Ao povo desgosta o herói de bronze, irretocável e irretorquível, como as enfadonhas lições repetidas por cansadas professoras que não acreditam no que mandam decorar (DIAFÉRIA, 1977, online).

Acontecera na véspera no Zoológico de Brasília, e o episódio de fato comoveu a nação. Sílvio Hollembach, de folga, passeava incógnito com a esposa e uma filha pelo parque naquela manhã de quarta-feira, quando viu uma criança cair no poço das ferozes ariranhas. O sargento pulou para salvar o garoto de 14 anos, mas ele mesmo morreria depois no hospital, tantos foram os arranhões e as mordidas que dilaceraram suas carnes:

Esse sargento não pensou se, para ser honesto para consigo mesmo, um cidadão deve ser civil ou militar. Duvido, e faço pouco, que esse pobre sargento morto fez revoluções de bar, na base do uísque e da farolagem, e duvido que em algum instante ele imaginou que apareceria na primeira página dos jornais.

É apenas um homem que -como disse quando pressentiu as suas últimas quarenta e oito horas, quando pressentiu o roteiro de sua última viagem- não podia permanecer insensível diante de uma criança sem defesa (DIAFÉRIA, 1977, online).

Diaféria junta no texto os lados subjetivo e objetivo ao redor do “olhar insubordinado” (BRUM, 2006) e insurgente que lança sobre o acontecimento-notícia. Faz uso das virtualidades da crônica jornalística – esse híbrido que traz para a conversa a arte e a escritura jornalística. Estabelece um diálogo fértil entre a linguagem dos símbolos e a da lógica, o mito (do herói) e a história, o militar de profissão e o pai de família, em mil injunções que se entrecruzam na tessitura dos sentidos possíveis de uma época. E seu texto deixaria de ser história para se transformar em História, ou “Jornalismo com H”, como se expressa Matinas Suzuki Jr.



(2002, p. 161) a respeito do livro-reportagem *Hiroshima*, de John Hersey. Escreve o cronista:

O povo prefere esses heróis: de carne e sangue.  
Mas, como sempre, o herói é reconhecido depois, muito depois. Tarde demais, sargento: nestes tempos cruéis e embotados, a gente não teve o instante de te reconhecer entre o povo. A gente não distinguiu teu rosto na multidão. Éramos irmãos, e só descobrimos isso agora, quando o sangue verte, e quando te enterramos. O herói e o santo é o que derrama seu sangue. Esse é o preço que deles cobramos. Podíamos ter estendido nossas mãos e te arrancando do fosso das ariranhas -como você tirou o menino de catorze anos- mas queríamos que alguém fizesse o gesto de solidariedade em nosso lugar. Sempre é assim: o herói e o santo é o que estende as mãos. E este é o nosso grande remorso: o de fazer as coisas urgentes e inadiáveis -tarde demais.

Uma palavra bem dita, ou bendita, no tempo e espaço devidos, repercute, reflete, ecoa, incomoda. Irrita. Pode provocar uma revolução de sentidos. E foi assim que uma simples crônica atraiu sobre si as iras dos ditadores de plantão – era o governo do general Ernesto Geisel, e o ministro-chefe da Casa Militar da Presidência da República, general Hugo Abreu, ligou para o “amigo” diretor-presidente da Folha de S.Paulo, Octavio Frias de Oliveira, para ameaçar:

– Quem está falando aqui não é o seu amigo, mas o chefe da Casa Militar da Presidência da República!

E berrou uma ameaça:

– Se continuar publicando a coluna em branco e fazendo críticas, nós vamos fechar o seu jornal!

“Hugo Abreu ameaçou com uma suspensão de 30 dias, renovável por quanto tempo quisesse, conforme a Lei de Segurança Nacional permitia. Iria estrangular o jornal”, pode-se ler no portal da Folha, que conta desse modo a história que representaria “a mais grave crise que a Folha viveria com o regime militar (1964-85)”, ao qual dera “apoio editorial” quando da derrubada do governo João Goulart e da usurpação do poder pelos militares:

Na manhã do dia 16 de setembro de 1977, os leitores da *Folha* receberam o jornal com uma longa coluna em branco, de cima a baixo, no canto direito da última página da “Ilustrada”.



No alto, como de hábito, estava escrito o nome do colunista: Lourenço Diaféria. No pé, depois de mais de 40 cm sem nenhuma letra impressa, uma Nota da Redação esclarecia: “A crônica diária de Lourenço Diaféria deixa de ser publicada em virtude de o cronista ter sido detido às 17h de ontem pela Polícia Federal conforme noticiamos na Primeira Página”.

O jornalista foi preso e enquadrado na Lei de Segurança Nacional devido a um artigo de duas semanas antes, considerado pelo Exército ofensivo ao seu patrono, o duque de Caxias.<sup>2</sup>

### 3 Narrativa jornalística e conhecimento 2

*Hiroshima*, de John Hersey (2002), é considerada pela crítica jornalística especializada o relato de maior expressão e profundidade sobre um dos mais assustadores de todos os fatos de guerra do século que passou, a explosão da bomba de Hiroshima, no dia 6 de agosto de 1945. Não foi bem uma explosão, e sim um “Clarão silencioso”, como diz o título do capítulo inicial da obra, um clarão imenso, que teve como resultado imediato a morte de uma centena de milhares de pessoas, deixando pelo menos igual número de feridos.

Horror.

Um ano depois, Hersey passaria cerca de três semanas no Japão para contar a história de seis sobreviventes. Só isso. Tudo isso.

[Essas seis pessoas] ainda se perguntam por que estão vivas, quando tantos morreram. Cada uma delas atribui sua sobrevivência ao acaso ou a um ato da própria vontade – um passo dado a tempo, uma decisão de entrar em casa, o fato de tomar um bonde e não outro. Agora cada uma delas sabe que no ato de sobreviver viveu uma dúzia de vidas e viu mais mortes do que jamais teria imaginado ver. Na época não sabiam nada disso (HERSEY, 2002, p. 8).

Em *Hiroshima* – escreve Matinas Suzuki Jr. no Posfácio sobre o qual já falamos, “Jornalismo com H” (2002, p. 161) – “John Hersey precisou de 31.347 palavras para explicar como uma única explosão matou 100 mil pessoas, feriu seriamente o corpo de mais de 100 mil e machucou a alma da humanidade”.

---

<sup>2</sup> Com informações de: “Militares ameaçam suspender circulação: *Folha* apoiou o regime de 64, mas se engajou na redemocratização nos anos 70”. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempo\\_cruciais-02.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempo_cruciais-02.shtml)>. Acesso em: 5 maio 2019.





Nenhuma outra reportagem na história do jornalismo teve a repercussão de *Hiroshima*. Os cerca de 300 mil exemplares da revista *The New Yorker* com a data de 31 de agosto de 1946 no cabeçalho esgotaram-se rapidamente nas bancas. O preço de capa era quinze cents, mas cópias chegaram a ser vendidas entre quinze e vinte dólares. Do país todo e do estrangeiro chegavam à redação pedidos de autorização para a reimpressão da matéria (os direitos autorais eram doados para a Cruz Vermelha).

A cadeia de rádio ABC pôs no ar atores lendo a reportagem de Hersey. A BBC, em Londres, faz o mesmo. Albert Einstein enviou um pedido de compra de mil exemplares, mas não pôde ser atendido. Quando foi editada em livro, o Clube do Livro do Mês distribuiu 1 milhão de cópias gratuitamente aos associados. A matriarca do colunismo sobre celebridades de Hollywood, Louella Parson, incluiu John Hersey na lista dos dez americanos mais importantes de 1946 (SUZUKY JR, 2002, p. 161-162).

Guardadas as devidas proporções – a crônica de Diaféria sobre a morte heroica do sargento Sílvio e a reportagem da bomba escrita pelo jovem Hersey –, há entre as duas narrativas fortes semelhanças, que colocam em diálogo os três pontos que muito nos interessam estudar aqui: o jornalismo como conhecimento e o poder da narrativa na construção e organização de sentidos sobre o mundo, no contexto geral de uma crítica ao positivismo.

É quase imperdoável falar em qualquer área sobre o período da ditadura sem passar pela história miúda e gigante do sargento Sílvio, esse Zé-Ulisses de que fala Eliane Brum, cuja pequena vida é uma Odisseia (BRUM, 2006, p. 187). Difícil seria também admitir a possibilidade de não dar a *Hiroshima* o peso e a importância de que essa narrativa se reveste, que são de certo modo únicos, na constelação infinita de textos e imagens que tentaram ler, reproduzir e ordenar, em um cosmos, o caos de sentidos que configurou a tragédia. Um dos maiores expoentes da história da ciência contemporânea, senão o maior, Albert Einstein, cujos conhecimentos estavam por detrás da bomba assassina, comovido, encomendou centenas de exemplares da revista *The New Yorker*. Nem pôde ser atendido, tamanha a procura (SUZUKI, JR., 2002, p. 161).

Num e noutro caso, a força do instante. No episódio do sargento Sílvio, do instante dramático em que, se desgarrando da mão da esposa, ele salta no poço das onças-d'água. Em *Hiroshima*, o instante em larga escala dramático das 8h15 da





manhã do dia 6 de agosto de 1945, quando a bomba explode sobre a cidade japonesa, ou melhor, ilumina Hiroshima com a força da dor e da morte. Num e noutro caso, o poder expressivo do foco no humano: a pequena história da gente comum, o perfil, o encontro de duas ou de várias almas.

Nos dois casos, a força do argumento da vida se opondo à lógica arrebatadora e à comum frieza do positivismo de plantão. Nos dois casos, enfim, eleitos entre tantos, parece-nos patente o poder da narrativa que dialoga com as forças do consciente e com as forças arquetípicas do inconsciente – os símbolos, os mitos, as emoções, as esperanças e as angústias humanas, numa conversa às vezes difícil para se tentar tecer os sentidos da contemporaneidade. Que outro nome dar a isso senão conhecimento, ainda que não científico?

#### **4 Jornalismo e conhecimento**

No Brasil, os estudos sobre o jornalismo como forma de conhecimento apontam necessariamente, por vias diretas ou indiretas, primeiro, para a obra *O segredo da pirâmide*: para uma teoria marxista do jornalismo, de Adelmo Genro Filho (1987) e, depois, para *O conhecimento do jornalismo*, de Eduardo Meditsch (1992).

O ponto de partida teórico de Genro Filho é o do marxismo, como deixa explícito o autor já no subtítulo de sua obra. O conhecimento que o jornalismo produz no seio da sociedade de classes difere do conhecimento da ciência, segundo o autor, uma vez que a ciência “dissolve a feição singular do mundo em categorias lógicas universais”. No jornalismo, a singularidade da notícia é reconstituída “simbolicamente, tendo consciência que ela mesma se dissolve no tempo”, afirma ainda Genro Filho, que linhas antes, lembra não existir “nada mais velho do que uma notícia de ontem”, a não ser, ele complementa, que essa notícia seja “reelaborada com novos dados constituindo outra notícia, a de hoje” (GENRO FILHO, 1987, p. 58).

A crítica ao peso da herança positivista na rejeição do jornalismo como modo de conhecimento, ou em sua localização numa escala hierárquica inferior no movimento de produção do saber, apresenta-se de modo mais explícito – com a simultânea redução do peso enorme que Genro Filho atribui ao enfoque marxista – na obra do professor e pesquisador Eduardo Meditsch, da Universidade Federal de Santa



Catarina. Seu livro mais antigo de defesa dessa perspectiva, *O conhecimento do jornalismo*, foi lançado em 1992. Aqui nos servimos de uma conferência proferida por ele em 1997, que resume os conteúdos principais de sua obra, tendo como título justamente a pergunta: “O jornalismo é uma forma de conhecimento?” (MEDITSCH, 1997).

A resposta será afirmativa. Didático em sua exposição, Meditsch distingue entre três principais abordagens, ou, como ele escreve, “interpretações” do fenômeno:

**(a)** Uma primeira abordagem (MEDITSCH, 1997, p. 2), que poderíamos chamar de tipicamente positivista, ou cientificista, é aquela que, na visão de Meditsch, entende o conhecimento “não como um dado concreto, mas como um ideal abstrato a alcançar”. Essa perspectiva, para a qual “o Jornalismo não produz conhecimento válido”, contribuindo “apenas para a degradação do saber”, restringe o conhecimento à ação do método científico. O sonho de Augusto Comte se realiza. De acordo com essa posição, com seus possíveis matizes, o jornalismo, “de uma forma ou de outra”, acaba por ser situado “no campo do conhecimento como uma ciência mal feita, quando não como uma atividade perversa e degradante” (MEDITSCH, 1997, p. 2).

**(b)** A segunda forma de abordagem do jornalismo enquanto conhecimento, explica Meditsch (1997, p. 2), “o situa ainda como uma ciência menor, mas admite já que não é de todo inútil”. A alusão é a um texto de Robert E. Park, da Universidade de Chicago, que é objeto de crítica de Genro Filho (1987). Em ensaio para o *The American Journal of Sociology*, de 1940, apoiando-se no pragmatismo de William James, Park propõe que o jornalismo se deixa entender como um “conhecimento de”, superficial, fenomênico, um tipo de concepção que, de resto, costuma ser admitido pelos próprios jornalistas, tendo sido o jornalismo “definido como História escrita à queima-roupa” (Meditsch, 1997, p. 3).

**(c)** O que tem o jornalismo de único e original? Nesta última abordagem, Meditsch diz que a ênfase recai não sobre as possíveis semelhanças entre o jornalismo e a ciência, mas em sua especificidade. “Para esta terceira abordagem, o Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente”. E, ao fazê-lo, acredita o autor, “pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar” (MEDITSCH, 1997, p. 3).



Os meandros da argumentação de Meditsch podem ser acompanhados em sua obra, e o espaço neste texto não me permite ir a fundo na discussão. Mas pode-se ressaltar – tanto no sentido de uma crítica ao positivismo quanto de uma defesa da narrativa como forma de conhecimento – que, ali, no cotidiano do presente imediato, que é o tempo por excelência do jornalismo, circulam sentidos dominantes – ainda que não de caráter lógico, analítico, demonstrativo – e para ali voltam, inclusive, “cientistas e filósofos quando retornam à vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação”. Conclui o autor sobre este ponto: “Em consequência, o conhecimento do jornalismo será forçosamente menos rigoroso do que o de qualquer ciência formal, mas, em compensação, será também menos artificial e esotérico” (MEDITSCH, 1997, p. 6).<sup>3</sup>

## 5 Contra a ideologia do positivismo

Pode em parte ser injusto afirmar isso, mas tem-se a impressão o tempo todo, nessa discussão formal e metódica sobre o lugar do jornalismo na área mais ampla dos conhecimentos humanos, de se estar às vezes tentando entrar pela porta dos fundos do positivismo, depois de se ter saído irritado pela porta da frente para fugir dele – e isso, se verdadeiro, seria muito ruim para a ideia de uma aposta na possibilidade de um diálogo, de igual para igual, entre as várias práticas humanas e sociais de saber.

Não sendo ciência mal feita porque nem ciência é, como defendem Genro Filho e, principalmente, Meditsch, o jornalismo que está em pauta na reflexão dos autores é quase exclusivamente o jornalismo de notícia, a informação de atualidade em seu sentido mais *hard*, aquela notícia que envelhece rápido, entre hoje e amanhã (GENRO FILHO, 1987, p. 58) – o que está longe de acontecer com o melhor da narrativa jornalística, como no caso do “Jornalismo com H” (Matinas Suzuki), em textos como os de Diaféria e Hersey e em inúmeros outros que contribuem de uma forma ou de outra, no grande e também no miúdo, para a tessitura dos sentidos de uma época.

---

<sup>3</sup> Em outro contexto, ele afirma que “o Jornalismo, como modo de conhecimento, tem a sua força na revelação do fato mesmo, em sua singularidade, incluindo os aspectos forçosamente desprezados pelo modo de conhecimento das diversas ciências” (MEDITSCH, 1997, p. 8).



Voltemos, pois, à ideia de que é preciso enfrentar o positivismo, literalmente, encarando-o de frente, se se pretende, como é o objetivo deste texto, defender o jornalismo como conhecimento e com a narrativa jornalística ocupando um lugar privilegiado nessa história. Quando pensa em defender a narrativa do ensaio diante da postura intelectual dura do positivismo na Alemanha de seu tempo – meados do século XX –, Theodor Adorno, ao escrever “O ensaio como forma” (1986), não se deixa levar por um sentimento ou complexo de inferioridade: até parece arrogante, às vezes.

Uma crítica mais forte e ácida não poderia existir contra o *establishment* positivista: “equiparando conhecimento à ciência organizada” (ADORNO, 1986, p. 167); agarrando-se a categorias universais, ao purismo científico, à falsa ideia de profundidade; confundindo a ordem das ideias (das representações) com a ordem das coisas; insistindo no ideal universal da lógica, do rigor e da coerência e na coerção da identidade; propugnando “aquela concepção de verdade como algo ‘pronto’, como um jogo hierárquico de conceitos” (ADORNO, 1986, 182); acreditando ter que “defender o espírito contra toda inconsistência e falta de solidez”, agindo assim, os positivistas se fazem “inimigos” desse mesmo espírito (ADORNO, 1986, p. 184).

Perpassa todo o texto de vinte páginas em defesa do modo de expressão do ensaio a ideia crítica de que o arrogante espírito positivista não atraiçoa apenas os ideais da verdade (possível) e da felicidade que os humanos buscamos, mas em primeiro lugar o próprio espírito científico que se pretende com essa postura guerreira defender. Em mais de um momento, a veemente defesa da “liberdade de espírito”, que Adorno advoga para o ensaio – e que acreditamos poder ser estendida a todo o campo rico e colorido das narrativas humanas –, o faz trabalhar em favor de uma base teórica que limpa o terreno para o reconhecimento do cotidiano, do efêmero, das coisas miúdas, que tão importantes podem ser porque muito podem significar.

A pretensão antiga, no mundo da ciência triunfante, é de fato que o discurso deve ser rigoroso, “antiliterário, sem imagens nem metáforas, analogias ou outras figuras de retórica”, como afirma Santos ao enumerar as principais características do “modelo de racionalidade que subjaz ao paradigma da ciência moderna”. Santos aponta para o sério risco que corre esse modelo triunfante de ciência, de que seu discurso perca por isso mesmo todo encanto, se torne triste e sem imaginação,



“incomensurável com os discursos normais que circulam na sociedade” (1989, p. 34-35).

Como insistir em rigor no território indomável das artes? Como renunciar às linguagens dos símbolos, das metáforas, das figuras literárias nas narrativas do cotidiano? Como ignorar no trato com as questões do inconsciente coletivo o peso das imagens arquetípicas, as emoções humanas, o sonho e a esperança, nossos deuses e deusas tanto quanto nossos demônios?

Combina bem isso que o sociólogo português diz, com um modelo de conhecimento científico que, ainda segundo as suas palavras, institui-se “contra o senso comum” e transforma “a relação eu/tu em relação sujeito/objeto, uma relação feita de distância, estranhamento mútuo e de subordinação total do objeto ao sujeito (um objeto sem criatividade nem responsabilidade)”. Um modelo, em suma, que procura “a verdade nas costas dos objetos, assim perdendo de vista a expressividade do face a face das pessoas e das coisas” (SANTOS, 1989, p. 34).

A crítica que Boaventura de Sousa Santos tece ao positivismo em *Introdução a uma ciência pós-moderna* (SANTOS, 1989) recupera e amplia intuições teóricas que apareceram numa obra anterior, lançada originalmente em Portugal em 1987, *Um discurso sobre as ciências* (SANTOS, 2004). E antecipa formulações ainda mais contundentes em textos mais recentes desse autor, como quando chama de “fascismo epistemológico” a violência exercida pelo modelo dominante de ciência (SANTOS, 2010) contra outras práticas de conhecimento, nomeadamente, no campo propriamente epistemológico, contra aquilo que o autor chama hoje de “epistemologias do Sul” (SANTOS; MENESES, 2010).

Um modelo que, diríamos nós, aplicado ao jornalismo, acabaria por privilegiar um discurso frio, distante, desumano, sem cheiro, sem cor, distante do calor do “olhar insubordinado” e acostumado à frieza de seu oposto, o “olhar domesticado”, de que trata Eliane Brum em *A vida que ninguém vê* (2006).

O mandamento da linguagem “rigorosa”, técnica, objetiva – uma tradição da qual o jornalismo, renunciando ao melhor de si e de sua função social, bebeu a valer – se vê historicamente ameaçado, ou assombrado, pela linguagem dita “literária”, metafórica, simbólica do “gesto da arte” (Medina) de que as formas consagradas do jornalismo narrativo ou do jornalismo literário se aproximam.



A desdogmatização da ciência (SANTOS, 1989) se abre, desse modo, às promessas de uma narrativa que dialoga com o senso comum e com os saberes plurais: a ciência e a filosofia, o mito e a arte, a religião e os saberes práticos, cotidianos. Um diálogo com os sentidos múltiplos do presente imediato, podemos dizer, no campo do jornalismo.

Desdogmatizada (e o termo “dogma” nos remete com força à imagem religiosa da ciência arrogante, divinal), a ciência se assume com o desafio de atuar “com consciência” (MORIN, 1983) de suas responsabilidades frente à complexidade da vida biológica, psíquica e social e frente à complexidade do mundo físico. Uma Ciência com consciência (MORIN, 1983) se assume em sua epistemologia complexa tanto quanto em sua epistemologia pragmática, como propõe Santos (1989), no que conversa de perto com o pensamento de Edgar Morin.

## **6 Da narrativa jornalística como conhecimento**

A crítica ao modelo dominante/dogmático de ciência, feita por Santos e aqui entendida como base para a proposição de um pensamento dialógico, aberto às virtualidades cognitivas das narrativas humanas em geral e à narrativa jornalística em particular, deixa-se entender, também, como um ponto de vista crítico à mentalidade iluminista, naquilo que essa mentalidade – tal como o positivismo em sua relação nociva com a ciência – tem de reducionista, não complexo, simplificador.

Por “pensamento dialógico” entendemos a proposição de Santos (1989; 2010) de ruptura com o modelo dogmático de ciência como condição para o diálogo com diferentes práticas sociais de conhecimento. E também a noção de Morin (1983) de convivência saudável entre distintas lógicas, rompendo igualmente com a lógica única do positivismo, no que esta tem de reducionista (reduz o conhecimento do todo ao conhecimento de suas partes) e de rejeição à complexidade, sempre na linha do que propõe Morin em toda a sua vasta obra.

A razão apta e disposta a dialogar com a pluralidade de narrativas humanas<sup>4</sup> não é a do iluminismo, mas a “razão luminosa”, como a ela se refere Medina em vários

---

<sup>4</sup> É interessante, nesse contexto de dialogia de saberes, o que diz Morin sobre a narrativa do romance como mediadora de conhecimento: “Sinto, cada vez mais, que só um grande romance consegue





momentos de sua obra, trazendo a conversa para os domínios da grande narrativa da contemporaneidade pela via do jornalismo.

Em *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*, Cremilda Medina (2008) expõe com clareza a construção dos alicerces do jornalismo moderno, no século XIX, a partir do modelo positivista de Augusto Comte. Com o desenrolar da história, já a partir do final desse século, com a industrialização e urbanização na Europa e também na América, a notícia vira “um produto à venda” (MEDINA, 1978), sob a égide do princípio positivista da objetividade e do rigor técnico, em grande medida na contramão da ética e da estética.

Técnico-burocrática e, no caso da informação de atualidade, movida “pelas gramáticas estratificadas” (MEDINA, 2003, p. 49), a razão, nisso que Morin chama de “o grande paradigma do Ocidente”, ainda segundo Medina, “não se alimenta da intuição criativa”, contentando-se “com a rotina” (MEDINA, 2003, p. 34). A crítica é contundente:

Perdem-se ou se atrofiam as grandes narrativas e se valorizam os projetos técnico-formais, como, por exemplo, os recursos de computação gráfica, a fórmula da notícia curta, descarnada, os gráficos da quantificação sobre os comportamentos humanos. Histórias de vida, que dão sentido aos contextos sociais, ficam à deriva perante a pirotecnia visual e gráfica (MEDINA, 2003, p. 32).

“Falta à narrativa regida por fórmulas o toque mágico da *comunicação humana*”, sublinha Medina (2003, p. 85), para quem, “a arte de tecer o presente” exige:

(...) abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano. Inverter a relação sujeito-objeto do técnico em informação de atualidade para a relação sujeito-sujeito do mediador social, para além de ser um problema epistemológico, é uma fogueira em que se queimam as certezas, as rotinas profissionais, o ritmo mecânico do exercício jornalístico (MEDINA, 2003, p. 40).

---

exprimir as múltiplas dimensões da experiência humana, as vidas subjetivas interiores, os comportamentos numa sociedade, numa história, num mundo, pondo ao mesmo tempo os problemas do destino humano, quer pela força das personagens, quer pela pena do autor, quer ainda implicitamente” (1995, p. 21).





Polissêmica e polifônica, a grande narrativa da contemporaneidade “se tece no grito de muitos galos” (MEDINA, 2003, p. 133). Nela, na essência, “trata-se de humanizar as fórmulas que constituem as técnicas da inércia profissional na vitalidade do cotidiano anônimo” (MEDINA, 2003, p. 35). Com marca de autor, a narrativa da razão luminosa “conta sua história ou a história coletiva de forma sutil e complexa, afetuosamente comunicativa e iluminando no caos alguma esperança do ato emancipatório” (MEDINA, 2003, p. 49).

Compreensiva, erigida sob o signo do diálogo de uma relação, essa narrativa sabe que a produção jornalística que nela se pauta “ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano”. É a hora e a vez dos anti-heróis, dos anônimos: “Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstituir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional” – eis aí o caos se erguendo em cosmos por intermédio da vida e das histórias que se contam. “Contar uma boa história, afinal, é o segredo da reportagem” (MEDINA, 2003, p. 52-53).

Os pontos de conexão e de convergência entre estas falas de Medina e as de Eliane Brum parecem claros. Vejamos o que esta afirma sobre o olhar (2006) insurgente em *A vida que ninguém vê*:

O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. Esse é o encanto de *A vida que ninguém vê*: contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida, uma *Odisséia* (BRUM, 2006, p. 187).

O signo da explicação, vencida a sedução do racionalismo monossêmico e portanto reducionista, dá espaço dentro da moldura dessa proposta para o signo da compreensão, que é parceiro de um pensamento “mais de buscar que de encontrar respostas”, como afirma Künsch (2004, p. 9): “Um pensamento mais de noção que de conceito, intuitivo-sintético mais que analítico. Um pensamento sério, sim, sem ser raivoso. Um pensamento não violento e não guerreiro. Compreensivo” (KÜNSCH, 2004, p. 9).



O signo da compreensão aspira à superação de uma narrativa jornalística de “muito *portanto* para pouco *talvez*” (KÜNSCH, 2004, p. 7). Assume “uma dimensão fundante” do conhecimento, “o que significa dizer que o gesto humano da compreensão resulta em maior compreensão, que a compreensão faz conhecer, que ela assume legitimamente o estatuto de uma verdadeira epistemologia. Melhor conhece quem mais aberto ao gesto humano da compreensão”, aponta Künsch (2004, p. 10). Nessa linha de pensamento, pode-se dizer, a compreensão é um método de produção de conhecimento.

Entre os princípios que regem o jornalismo literário, na expressão de Edvaldo Pereira Lima (2009) – o autor aponta dez, que preferimos neste contexto entender como base de toda boa prática jornalística, ou, para simplificar, “jornalismo de qualidade” –, queremos destacar o princípio da compreensão, que ressalta a diversificação de perspectivas sob as quais o humano ser (Medina) aprendeu em sua longa marcha histórica a tentar dar conta dos sentidos possíveis do mundo e da vida:

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exhibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas (LIMA, 2009, p. 366).

## 7 Considerações nada finais

É próprio do ensaio e das formas estilísticas compreensivas – dialógicas, conversacionais – que se lhe assemelham não propor um ponto final, uma resposta (fechada), uma definição ou conclusão, ainda que os manuais de boas maneiras científicas, muito provavelmente carentes daquela liberdade de espírito que Adorno associa aos bons ensaios, possam condenar uma atitude como essa.

No ritmo da conversa entre despreocupada e ligeira e ao mesmo tempo muito séria e comprometida, ousamos propor, para a pesquisa do jornalismo como forma de conhecimento, um exame acurado de um conjunto muito grande de textos – com os devidos recortes que se mostrarem necessários – que sob os mais diferentes pontos de vista, da sociologia à antropologia, da psicologia à filosofia, contribuem para a



tessitura dos sentidos de uma época (e acrescentemos, então, a história também a essa iniciativa).

Os dois textos eleitos neste breve ensaio, a crônica de Diaféria e o livro-reportagem de Hersey, célebres cada um na sua altura, foram aqui tomados seguindo essa linha de raciocínio.

Uma hipótese que levantamos para um estudo futuro – e que preliminarmente é possível avançar que irá contar, pela experiência, com o apoio de um bom arsenal de estudiosos da reportagem jornalística – é que esses sentidos de uma época, as perguntas que um tempo dado da história se faz e as respostas que às vezes sofregamente busca, podem ser com bom proveito encontrados lá onde a vida vivida dos zés e das marias, os (anti)heróis do cotidiano, se deixa ver por meio do esforço da narrativa jornalística em trazer para o primeiro plano “a vida que ninguém vê”.

Mas aí a conversa vai longe...

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel e FERNANDES, Florestan (Orgs.) **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 167-187.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. Compreensão e política (As dificuldades da compreensão). In: **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 330-346.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

DIAFÉRIA, Lourenço. Herói. Morto. Nós. **Folha de S.Paulo**, 1 set. 1977. Disponível em: < [https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos\\_cruciais-02a.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos_cruciais-02a.shtml)>. Acesso em: 10 out. 2018.

GENRO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



KUNSCH, Dimas A. **O Eixo da Incompreensão**: a guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação. Tese de Doutorado. São Paulo, ECA/USP, 2004.

KÜNSCH, Dimas A.; MARTINEZ, Monica. Histórias de vida produzidas por jornalistas-escretores: uma experiência. **Communicare**, v. 7, p. 31-41, 2007.

KUNSCH, Dimas A. e CARRARO, Renata. A comunicação sob o signo da compreensão: o protesto do ensaio contra a chatice e a arrogância do discurso científico dominante. Trabalho apresentado ao GT Teorias da Comunicação durante o XXXIV Congresso da Intercom (Recife, PE, 2 a 6 de setembro de 2011).

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª. edição. Barueri/SP: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**: jornalismo interpretativo. São Paulo: Edição dos Autores, 1973.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

MEDITSCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? Set. 1997. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.

MORIN, E. **Os meus demônios**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.



SANTOS, Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a doutra ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, B. S.; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 519-562.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SUZUKI, Jr., Matinas. Jornalismo com H. In: HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 161-175.